

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: Sociologia Clínica

**Catadores e neurose de classe:
Paradoxos da ascensão social por meio da militância**

Autor:

Pedro Henrique Isaac Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB

1. Introdução

Os catadores de materiais recicláveis constituem uma importante categoria profissional de pessoas socialmente vulneráveis que vêm se organizando nos últimos anos em um movimento social de âmbito nacional, conhecido como Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR. Este trabalho busca compreender de que maneira o engajamento militante se relaciona com a dinâmica geradora da *neurose de classe* entre os catadores de materiais recicláveis. Para tanto, utilizando a abordagem da Sociologia Clínica, partimos de uma narrativa biográfica de um catador militante a fim de compreender de que maneira o engajamento militante e a neurose de classe se relacionam.

Neurose de classe é um conceito desenvolvido por Vincent de Gaulejac que busca descrever o quadro clínico que se desenvolve a partir da mudança de posição do sujeito na estrutura de classes sociais. A narrativa mostra que a neurose de classe é um quadro clínico que se encontra presente no processo de ascensão social, mas que o próprio engajamento militante possibilita meios de reconciliação entre o desejo de satisfação do ideal de ego e do superego, instâncias psíquicas normalmente conflituosas em processos de ascensão social.

2. O sujeito face às pulsões e à socialização

O projeto da sociologia clínica se inscreve em uma corrente bastante profícua das ciências sociais, que aborda os fenômenos sociais a partir de uma perspectiva compreensiva, buscando apreender a maneira com que os indivíduos os vivenciam, os assimilam, contribuem para produzi-los, articulando as contradições entre objetividade e subjetividade, racionalidade e irracionalidade, estrutura e ação, determinismo e capacidade de criação. Seu método procura acessar o conhecimento a partir da “escuta do sujeito”, considerando as dimensões afetiva e existencial da fala, estando atento “ao que está em jogo inconscientemente”, procurando desvelar suas “dimensões imaginária, pulsional e simbólica”. (GAULEJAC; ROY, 1993, p. 14).

A noção de sujeito torna-se central, pois é a partir dela que conseguiremos compor o conjunto teórico que permitirá a articulação entre o psíquico e o social em nossa análise. Etimologicamente, sujeito vem do latim *subjectum*, que designa aquele que está abaixo, submetido a uma necessidade, a uma lei, dependente de

uma autoridade superior. A sociologia recupera o sentido etimológico da palavra, reafirmando a noção do “assujeitamento”. O sujeito é sujeitado às determinações psíquicas e sociais, a partir das quais busca criar sua autonomia, processo que Gaulejac chama de “subjetivação”. É no entendimento da relação dialética de assujeitamento e de subjetivação que se constrói a perspectiva da sociologia clínica. Ou seja, de um lado a socialização – o processo de produção social dos indivíduos – e do outro a tomada de consciência de si mesmo, na qual o indivíduo “tenta se construir como um ser singular capaz de pensar, de desejar, de se afirmar” (GAULEJAC, 2009, p. 10). Sujeito, nesse sentido, tem uma dupla significação, de sujeito assujeitado a uma ordem que o ultrapassa, e de sujeito “causa” de sua própria ação. O assujeitamento de que fala Gaulejac pode ser compreendido como o processo de socialização do qual tratam as diversas abordagens sociológicas, seja no sentido de uma força externa de coerção, das normas, dos valores, da incidência do poder, das diversas sanções materiais ou simbólicas às quais estamos submetidos no mundo social, seja no sentido do social incorporado, os hábitos, os valores e normas internalizadas, o *habitus* de Pierre Bourdieu.

No entanto, a socialização não é uma força única e coerente, que sujeita o indivíduo, direcionando-o a adotar determinados tipos de comportamento em detrimento de outros. Conforme vários sociólogos contemporâneos têm indicado (BERGER; LUCKMANN, 2009; DUBET, 1997; LAHIRE, 2011; PAIS, 2007; GAULEJAC, 2009), a incidência de diferentes processos socializadores, muitas vezes contraditórios entre si, exigem do indivíduo a lida com injunções e expectativas de ação diferentes, a depender de cada contexto, instituição e meio social no qual se desenrola a “cena”, parafraseando Erving Goffman (2002).

Na medida em que o indivíduo se depara com as contradições da realidade social, ele subjetivamente também é confrontado com riscos de incoerência, identificações conflituosas, valores contraditórios e dilemas morais. E nesse momento o sujeito emerge para tentar colocar sentido às discordâncias e inventar mediações que deem conta de resolver a situação paradoxal à qual ele foi sujeitado.

A subjetivação é um processo que encerra em si, portanto, a reflexividade. Se, por um lado, por meio da reflexividade o indivíduo vai buscar o distanciamento crítico para relacionar suas predisposições para a ação às estruturas sociais existentes, por outro lado, é por querer dar sentido às contradições que ele vivencia e pelo desejo de se afirmar como ser singular frente a um mundo paradoxal que o

processo de subjetivação vai se desenrolar. Enquanto a reflexividade exige do indivíduo o recurso à racionalidade, o processo de subjetivação, do qual a reflexividade é condição *sine qua non*, traz à tona uma dimensão mais profunda do ser, emocional, afetiva, libidinal. Afinal, o sujeito não é apenas um ser consciente e reflexivo, ele é também pulsional, ele age racionalmente, mas também impulsionado por suas ilusões, suas fantasias, suscitado pelo jogo contraditório entre seus desejos e suas angústias.

Para entendimento de como essa dimensão pulsional se articula com as determinações sociais não podemos nos abster de recorrer às ferramentas de análise psicanalíticas. Legrand (1993) defende a utilização de conceitos psicanalíticos para a compreensão do indivíduo social considerando os elementos formadores da psique humana. No entanto, ele chama a atenção para a necessidade de se articular tais conceitos com uma abordagem propriamente sociológica, uma vez que o indivíduo constrói sua psique em um contexto social determinado.

Gaulejac (1987) afirma que os conflitos de identidade gerados por trajetórias de descenso ou ascensão social estão intimamente ligados a processos psíquicos e sociais cuja compreensão não pode se abster da utilização das ferramentas conceituais psicanalíticas articuladas com a análise sociológica. Em seus estudos a respeito da mobilidade social, Gaulejac (1987) verificou a recorrência de diversos casos de conflitos afetivos, ideológicos, culturais e relacionais ligados às trajetórias em que os indivíduos mudavam de classe social. Percebeu que os conflitos não eram de ordem apenas social, mas também de ordem psíquica, ligados à relação do indivíduo com seus pais, à posição de classe ocupada por eles, à valorização dessa posição e às expectativas relacionadas ao pertencimento à nova classe social. Tal conjunto de relações pode acarretar sofrimento para o indivíduo em virtude de um complexo de inferioridade frente às pessoas pertencentes ao novo meio social mais valorizado e por um sentimento de culpabilidade junto aos seus pais, que representam o meio social desvalorizado. Esses conflitos sociopsíquicos enfrentados pelos sujeitos em situação de ascensão ou descenso social são nomeados por Gaulejac como *neurose de classe* e se manifestam sob a forma de sofrimentos sociais, isto é, sofrimentos psíquicos causados pela confluência de fatores sociais e psíquicos com consequências também sociais para o sujeito, tais como o complexo de inferioridade, o sentimento de culpabilidade e a vergonha.

Para explicar o complexo de inferioridade, Gaulejac lança mão dos conceitos de superego e de ideal de ego. O superego é a instância psíquica que encarna uma lei e proíbe sua transgressão, sendo resultado da identificação ao modelo parental e que é, pois, portador das exigências, dos comandos, dos interditos parentais (GAULEJAC, 1987, p. 172). O ideal de ego seria uma instância de incitação, que levaria “à ruptura”, procurando outros modelos de identificação. É resultante da convergência do narcisismo (idealização do ego) e das identificações com os pais, com seus substitutos e com os ideais coletivos. Como uma instância diferenciada, o ideal de ego constitui um modelo ao qual o sujeito busca se conformar. Pode ser considerado também “uma fantasia da perfeição narcísica perdida sob influência da crítica parental” (GAULEJAC, 1987, p. 172). Trata-se de um processo de avaliação permanente do Ego em relação às exigências interiorizadas, processo bem descrito pela expressão “estima de si”. (GAULEJAC, 1987, p. 173). Podemos considerar o ideal de ego como herdeiro do narcisismo primário e o superego como herdeiro do complexo de Édipo. Segundo Gaulejac,

O primeiro constitui, na origem pelo menos, uma tentativa de recuperação da onipotência perdida. O segundo, na perspectiva freudiana, é fruto do complexo de castração. O primeiro tende a restaurar a ilusão, o segundo a promover a realidade. O superego separa a criança de sua mãe, o ideal de ego o empurra à fusão. (GAULEJAC, 1987, p. 173-174)

Enquanto o superego pode ser qualificado como uma instância de posicionamento e reprodução (*placement*), de adaptação, de manutenção da ordem, por inculcar interditos, o ideal de ego fixa exigências que levam o Ego a uma contínua mudança e deslocamento (*déplacement*). O ideal de ego também é mais permeável à evolução dos modelos e de ideais coletivos, levando o sujeito a buscar ideais mais “elevados”. Gaulejac (1987) percebe que, nos relatos das trajetórias de vida, são as figuras mais prestigiosas, os personagens mais consideráveis, que serão colocadas como “substitutos parentais” ou como referências ideais.

De acordo com Gaulejac (1987), essas duas instâncias submetem o Ego a tensões de natureza diferente. O superego inclina à obediência. Ele é a origem do sentimento de culpa sentido quando a proibição que ele fixou é transgredida. Por outro lado, o ideal de ego fixa as exigências idealizadas que devem ser alcançadas pelo Ego. Ele é a origem do sentimento de inferioridade sentido quando o Ego se sente incapaz de realizá-las, e do sentimento de vergonha, quando ele é colocado em xeque, transmitindo ao sujeito uma imagem desvalorizada de si mesmo.

Quando dois modelos de ideal de ego são confrontados e se mostram contraditórios entre si, pode ser levado a cabo um processo de desidentificação, no qual um dos dois modelos deixará de ser adotado. O sujeito, dividido entre dois grupos sociais antagonistas, deve fazer uma escolha entre sua fidelidade identificatória originária e sua entrada no mundo do “saber”, da cultura, do poder, mundo no qual há uma unidade e coerência entre “as satisfações narcísicas, as relações objetais e o reconhecimento social”. (GAULEJAC, 1987, p. 183). A tensão entre o ideal de ego e o Ego, produzida pela oposição entre os modelos de pessoas percebidas como cultas, invejadas, distintas e outras vindas de um meio pobre, percebidas como incultas e dominadas, provoca o sentimento de inferioridade que, quando ligado à crença de não estar à altura, gera o sentimento de vergonha. Este sentimento de vergonha é, na realidade, o momento em que o Ego falha, gerando no sujeito uma percepção desvalorizada de si mesmo. (GAULEJAC, 1987)

Ao estudar a questão da vergonha, Gaulejac (2006) percebeu a existência de múltiplos fatores interligados – afetivos, sexuais, emocionais e sociais – que dão vazão à vergonha, produzindo “nós de angústias, desejos, afetos e sentimentos que neutralizam as possibilidades de expressão e de comunicação e prendem os sujeitos em conflitos psicológicos intensos.” (GAULEJAC, 2006, p. 54) Tal sentimento multifacetado age no núcleo do funcionamento psíquico, mas sua gênese é social. “É um sofrimento social que, por não poder ser tratado ‘dentro do social’, produz efeitos na psique.” (GAULEJAC, 2006, p. 61) Isto é, a vergonha nasce de um esfacelamento do aparato simbólico que estabelece os padrões para o funcionamento psíquico do sujeito, o que ocorre pela conjunção de diversos fatores sociais, que têm a ver com carências econômicas e morais do próprio sujeito, mas também das pessoas próximas a ele, como os pais.

A situação de pobreza é recorrente nos casos em que a vergonha ganha papel preponderante. Tal situação provoca, de maneira súbita e inesperada, a queda do ideal parental, com a qual a criança não encontra meios de lidar.

Quando a pobreza é vivida como restrição “objetiva” ligada a fatores contra os quais os pais estão em constante luta, a criança não é psicologicamente atingida por suas conseqüências. Quando a criança tem a sensação de que os pais estão resignados ou que são responsáveis pela situação, que nada fazem para sair dela, que não lutam para protegê-la, que não parecem ter consciência do sofrimento psíquico e psicológico por ela gerado, que não têm vergonha de viver assim embora o ambiente seja estigmatizante... ela fica dilacerada entre o amor que a leva a ser como eles e o sofrimento que a faz desejar “sair disso” para viver “normalmente”. (GAULEJAC, 2006, p. 72)

O esfacelamento do ideal parental é sempre um choque, independente do meio social, no entanto a pobreza faz o sujeito confrontar-se muito cedo com a imagem negativa que a sociedade lhe imputa. “Os termos comumente empregados são significativos: ‘lixo’, ‘imundos’, ‘pobres coitados’, ‘inúteis’, ‘miseráveis’, ‘pé-rapado’... em todas essas palavras, há um deslizamento entre a situação social e a qualidade moral: pobreza = sujeira e nulidade.” (GAULEJAC, 2006, p. 72)

Tal imagem imputada pela sociedade faz com que o sujeito se veja obrigado a reconhecer-se dessa maneira. Qualquer tentativa individual de sair dela é percebida como inadaptação, agressão, desarranjo. O olhar do outro faz com que o sujeito passe a frequentar circuitos de exclusão. Temos aí uma categoria-chave para entender a situação em que se encontra um catador. A estigmatização que ele sofre, que o afasta, o repele, o obriga ou a aceitar sua situação e se confrontar diretamente com o olhar dos outros, agindo da maneira que os outros esperam, ou faz com que ele passe a frequentar espaços (ou circuitos) sociais também frequentados pelos outros na mesma situação. Normalmente, os estigmatizados ora circulam nos espaços reservados a eles, ora circulam nos espaços sociais convencionais. Tanto em um espaço quanto no outro, os estigmatizados podem acabar se percebendo como são percebidos pelos outros. Tal percepção cria representações que se tornam fios condutores para a ação dos indivíduos.

A representação de si mesmo está no cerne deste processo quando um indivíduo ou um grupo internaliza uma visão de si mesmo que o desqualifica a seus próprios olhos; esta visão destrói por dentro toda a capacidade de sair dela. Está, com efeito, preso num sistema paradoxal, já que, para mudar, é preciso que seja diferente do que é, e o que é demonstra sua incapacidade de ser “como se deve”. (GAULEJAC, 2006, p. 203)

Esse processo de estigmatização traz como consequência para o sujeito o sofrimento social. O sofrimento social nasce quando “o desejo do sujeito não pode se realizar socialmente, quando o indivíduo não pode ser o que queria ser. É este o caso quando é obrigado a ocupar um lugar social que o anula, desqualifica, coisifica ou desconsidera”. (GAULEJAC, 2006, p.104) Tal ruptura entre “o que eu vivo” e “o que eu gostaria de viver”, quando é muito profunda, faz com que o sujeito se sinta dilacerado por dentro, perpassado por uma “contradição entre a ‘objetividade’ de sua posição e suas aspirações profundas” (GAULEJAC, 2006, p. 104). Essa contradição gera um conflito interno, pois o sujeito se encontra em uma situação em que não pode sair dessa posição.

Para se defender disso e preservar o mínimo de sua saúde mental, os sujeitos acabam descobrindo maneiras para lidar ou superar suas fragilidades psíquicas, o que Gaulejac (2006) nomeia como reações defensivas – modos de agir que permitem conviver com as fragilidades – e de mecanismos de liberação – que ajudam o sujeito a se livrar delas.

Os mecanismos de liberação exigem um trabalho em profundidade do sujeito sobre si mesmo: o trabalho psíquico para sair da inibição e redinamizar sua potencialidade criativa; trabalho de restauração da história que o leva a se situar como agente de historicidade; transformação de sua relação com as normas sociais e luta contra as diversas formas de poder que estão na fonte das violências humilhantes. (GAULEJAC, 2006, p. 197)

Ao resgatar e ressignificar sua história, o sujeito passa a ter a capacidade de projetar um novo futuro. Esse modo de se perceber frente a sua própria história e à história social de seu meio permite uma reconstrução do imaginário. Dessa forma, o sujeito se reposiciona em relação ao passado, reinterpretando-o. Reconstruindo seu imaginário, o sujeito se percebe como produto de uma história, reflete acerca de o que o levou a comportar-se de tal maneira, em que sentido carrega consigo também a história de outrem e se vê como um ser próprio e singular. Ao proceder dessa maneira, o sujeito restaura sua imagem, denuncia as violências das quais foi vítima e reconstrói sua identidade. “A liberação da vergonha passa, assim, por um questionamento da internalização das normas estigmatizantes e por uma contestação do olhar dos dominantes. É nesta capacidade de recusar uma identidade prescrita que se abre a possibilidade de produzir identidades novas.” (GAULEJAC, 2006, p. 204)

Em geral, a revalorização da identidade passa por uma estratégia de promoção social ou de luta para revalorização do grupo a que pertence. Nesse âmbito, a militância encontra ecos profundos na subjetividade, possibilitando ganhos de autoestima a partir da sublimação e da constituição de um novo modelo de ideal de ego.

A militância consiste em lutar contra o desprezo, anular quem anula, recusar a resignação, combater as normas estigmatizantes. O militante reencontra seu orgulho na resistência ao que vive como opressão e na adesão a uma ideologia que contesta os valores de poder que o oprimem. (GAULEJAC, 2006, p. 205)

Não é de hoje que a organização coletiva de um grupo social estigmatizado atua na recuperação da identidade. Em um sentido amplo, é isso o que o movimento operário busca desde o início da revolução industrial. Entre fim do

século XX e início do século XXI, os movimentos sociais que buscam o reconhecimento ganharam nova importância, sendo amplamente analisados pela sociologia. Algumas teorias sociais focadas nos eixos culturais, relativas ao processo de construção de identidades têm tentado dar conta dos processos de reflexividade, da construção de sentidos e significados para as ações coletivas de movimentos sociais cujos membros são pessoas ou grupos historicamente vítimas da estigmatização (GOHN, 2008).

Para que tais coletivos existam e possam fundamentar ações que deem conta da ressignificação não apenas dos sujeitos estigmatizados, mas também das relações sociais que fomentam e dão vazão ao processo excludente de grupos vulneráveis, tem sido difundida a ideia de movimentos sociais que obedecem a outra lógica de ação, que não a competitividade e a exclusão, mas uma lógica mais democrática e solidária. O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis encontra aí o sentido do seu discurso e tenta construir, junto aos seus militantes e à sociedade em geral, uma imagem positiva baseada em novos valores amplamente aceitos, como sustentabilidade, inclusão social, solidariedade e democracia.

3. Entre lutas e o glamour: o caso de Tião¹

Sebastião Carlos dos Santos, ou simplesmente Tião, nasceu na cidade de Duque de Caxias, no estado do Rio de Janeiro em 1979. É o sétimo de oito filhos. Apesar de morar em Duque de Caxias, município da região metropolitana do Rio, sua família é oriunda de Pernambuco. Eles tinham migrado para o Rio de Janeiro alguns anos antes do nascimento dele em busca de melhores oportunidades. Desde os oito anos de idade, passou a frequentar o Aterro de Jardim Gramacho, maior lixão da América Latina, que recebia o lixo da cidade do Rio de Janeiro e das cidades da região metropolitana. Apesar de ter começado a frequentar o lixão para acompanhar sua mãe e seus irmãos, a origem social de sua família se encontra fora do ambiente da catação e da reciclagem.

A mãe de Tião é filha de um estivador, que trabalhava no cais do porto em Recife, e de uma dona de casa “milagreira”. O avô materno foi uma importante liderança sindical em Recife, presidente do sindicato de estivadores. Tião não

¹ A narrativa apresentada a seguir baseia-se em na autobiografia de Sebastião Carlos dos Santos, “Tião – Do lixão ao Oscar”.

conheceu o avô, que morreu antes de seu nascimento, mas sua figura sempre representou um ideal não só para si, mas também para outras pessoas na família, como sua mãe e seu pai. Para Tião, a admiração que sua família nutria por seu avô teve grande efeito mobilizador em suas escolhas ao longo da vida, especialmente na sua opção pelo engajamento militante. “Para mim, fazia toda a diferença saber que ele tinha sido um líder, e que sua liderança estava a serviço de um bem maior”, afirma Tião.

O pai de Tião nasceu no interior de Pernambuco. A relação de seus avós paternos era conturbada, com relatos de violência doméstica cotidiana. Ambos, aparentemente, eram alcoólatras e sua avó morreu quando seu pai tinha apenas três anos de idade. Depois disso, o ímpeto violento de seu avô teve como objeto o seu filho mais novo, o pai de Tião. Vendo o sofrimento do irmão mais novo, suas irmãs resolvem entregá-lo a outra família. Contudo, sua situação não melhora muito, continua sofrendo maus-tratos e até os treze anos de idade não encontra um lar acolhedor, vivendo com várias famílias diferentes. Aos treze anos de idade, uma velha senhora o acolhe e o pai de Tião vive com ela até os dezessete anos de idade. Com essa idade, seu pai conhece aquela que virá a ser sua esposa, começam a namorar e, em alguns meses, eles descobrem que ela está grávida. Com isso, eles se casam e seu pai passa a trabalhar no cais do porto com o sogro. O acolhimento da família da mãe de Tião mostra-se importante para a vida de seu pai. Trabalhando no porto com o sogro, seu pai envolve-se também com o sindicato dos estivadores e procura seguir seus passos.

Alguns anos depois, o avô materno de Tião morre, vítima de um infarto fulminante. A morte dele coincide com o início da crise da zona portuária de Recife e com a decadência do sindicato dos estivadores², o que contribui para as dificuldades financeiras que sua família começa a enfrentar e com o fim do legado comunitário criado por ele. Nesse cenário, a mãe de Tião muda-se para o estado do Rio de Janeiro, para onde uma de suas irmãs havia ido alguns meses antes, e começa a trabalhar como empregada doméstica.

Pouco tempo depois, o pai de Tião também se muda para o Rio de Janeiro e a família instala-se nos arredores de Jardim Gramacho, bairro localizado no

² Entre 1918 (ano da sua inauguração) e 1970, o porto de Recife era o porto mais importante e movimentado do Nordeste do Brasil. No entanto, sua dragagem limitada impedia que recebesse embarcações maiores, exigência do transporte marítimo de cargas a partir dos anos 1970, o que acarretou a perda de sua importância na região. Com isso, o governo de Pernambuco iniciou, em 1973, o projeto de construção do porto de Suape, que foi inaugurado em 1983.

município de Duque de Caxias, onde fica o aterro metropolitano de lixo. Ao chegar ao Rio de Janeiro, seu pai consegue emprego de estivador na zona portuária e sua família passa a viver alguns anos com certa estabilidade financeira. Assim como em Recife, naquele tempo sob liderança de seu avô, a família de Tião cresce (nascem três dos sete irmãos, além dele mesmo) e seu pai vive intensa vida comunitária – especialmente no cais do porto, onde se envolve com o sindicato e na vida boêmia. A casa dos seus pais torna-se ponto de encontro da família – do lado materno, grande parte mudara-se de Recife para Duque de Caxias depois da morte do avô – e dos amigos, mas sua vida conjugal enfrenta uma crise. O nascimento de Tião se dá no auge dessa crise e ele sofre com as consequências da desconfiança do pai a respeito de sua legitimidade. Então, desde pequeno, passa a sofrer violência do pai, especialmente quando ele exagerava na bebida.

No início dos anos 1980, o Brasil vive uma das mais sérias crises econômicas de sua história, com baixo crescimento econômico e hiperinflação. Além desse quadro, que por si só aumenta o desemprego, a zona portuária passa por uma reestruturação produtiva, substituindo parte de seus trabalhadores por máquinas, o que piora a situação de quem trabalhava no cais do porto. Com isso, o pai de Tião perde o emprego, afunda-se na bebida e a família começa a passar por dificuldades financeiras.

Nessa circunstância, a mãe de Tião começa a tentar alternativas de ganhar dinheiro: fazia faxina, trabalhava dia e noite, inclusive fins de semana, mas o dinheiro não era suficiente para sustentar os oito filhos. Ouve falar, então, de uma “mina de ouro”, um trabalho em que poderia ganhar o dobro do que ganhava com faxinas: a coleta de materiais recicláveis no aterro de Jardim Gramacho. Nesse momento, não encontrando alternativa, a mãe de Tião vai para o lixão e começa sua vida como catadora, levando, logo em seguida, praticamente toda a família. Tião, inicialmente, não a acompanha, pois era muito novo e durante o dia ia à escola. Tião era dos poucos filhos de catadores que frequentava a escola. Ele relata que a maioria das famílias que trabalhava no lixão não via importância na escola para as crianças. Muitas delas não tinham nem certidão de nascimento, assim como seus pais e avós. Ou seja, gerações de famílias que legalmente nem existiam e, por isso, não eram nem cidadãos. Essas famílias não enviavam seus filhos à escola. Era a realidade de grande parte dos catadores do lixão de Jardim Gramacho.

Na escola, Tião era bastante agitado, mas gostava de frequentar as aulas e era um aluno “até razoável”. A convivência nesses dois ambientes, o lixão e a escola, não era, até então, um grande problema para ele. No entanto, Tião já sabia que havia alguma incompatibilidade entre o espaço de trabalho de seus familiares e o que era valorizado na escola. Por isso, evitava dizer onde sua mãe trabalhava. Até que um dia, em 1992, quando uma equipe de jornalismo televisivo foi visitar o aterro para uma reportagem, sua mãe deu entrevista e apareceu na TV. Alguns dias depois, ele começou a sofrer bullying na escola. Chamavam-no de “filho da lixeira”, de “rampeiro”, de “xepeiro”, faziam piadas a respeito do seu cheiro, passou a ser excluído das turmas de colegas da escola.

Havia pouco tempo que Tião tinha começado a trabalhar no aterro. Ele estava, então, com 13 anos de idade, período da adolescência importante na formação identitária. Em alguns meses, resolve abandonar a escola, sem concluir o ensino fundamental. Ia ao aterro para trabalhar, mas sem vontade. Esse espaço, que antes era um ambiente que misturava o cinza ao colorido, que era fonte de renda e de diversão para Tião, passou a ser visto como algo desprezível.

Tião abandona a escola e perde apreço pelo aterro. Um sentimento de inferioridade toma conta de si e o acompanha nos anos seguintes. Esse sentimento, inexistente até então, aparece a partir do choque entre as duas realidades e com a descoberta de que ele e sua família ocupavam posições inferiores na sociedade. Anos depois, Tião tenta voltar a estudar em outra escola, mas também a abandona.

O sentimento de inferioridade, sentido por Tião, traz à tona não apenas sua condição de catador, mas a trajetória descendente da família, que outrora fora centro das atenções na comunidade, que trazia histórias de luta e de superação, mas que tinha agora que sobreviver do lixo. Esse acontecimento representa, também, a queda do ideal parental, especialmente ligado à figura da mãe, que era o pilar que sustentava a família, que nunca havia se rendido, que sempre se mostrara carinhosa com Tião. Este sentimento de inferioridade impedia que ele frequentasse a escola, espaço reservado a pessoas de maior estatuto social e que os catadores estavam “proibidos” de frequentar.

Mesmo assim, ele seguiu trabalhando no aterro nos anos seguintes. Em 1995, a prefeitura iniciou um processo de reestruturação do aterro de Jardim Gramacho, contratando uma empresa privada para geri-lo e controlar a entrada e saída de catadores. Com isso, todos que tivessem menos de dezoito anos de idade foram proibidos de entrar no aterro, o que atingiu Tião, então com 16 anos.

Com a proibição de entrar no aterro, ele passa a buscar alternativas de trabalho, fazendo bicos, trabalhando em diversas atividades diferentes. Não encontra nenhuma atividade que lhe renda os ganhos da reciclagem. Ao mesmo tempo, começa a ter uma vida conturbada do ponto de vista pessoal, envolve-se com grupos de jovens que iam aos bailes funk para brigar e começa a sair com pessoas envolvidas com o tráfico de drogas.

Tião se via sem emprego fixo, não ia mais à escola, estava sem perspectiva. Sua família trabalhava no aterro e representava o real possível, o que poderia ser alcançado, o futuro provável. E ele não gostava disso. A impossibilidade de atingir seu ideal de ego, de alcançar algo mais elevado, aprofundava seu sentimento de inferioridade. Esse sentimento tomava, então, a forma da raiva, da revolta, da vontade de transgressão, o que se realizava, principalmente, nas brigas que ocorriam nos bailes funk. Sua rede de sociabilidade, sobretudo no ambiente extrafamiliar, reforçava esse tipo de comportamento.

No entanto, alguns fatos relatados parecem determinantes para que Tião se afaste do ambiente de violência em que se via envolvido naquele momento. A morte de pessoas próximas, seja pelo tráfico, seja pela polícia, fez com que ele repensasse o desejo de obter prestígio e dinheiro por meio do tráfico de drogas. Além do medo decorrente do assassinato de pessoas próximas, uma das razões de sua revolta começa a se resolver: Tião se reconcilia com o pai.

Desde pequeno, sofria com o afastamento e a violência do pai, sem saber ao certo o motivo. Tinha a impressão de que a rejeição se dava por ciúmes, desconfiança que o pai tinha em relação à paternidade de si. Apesar das semelhanças físicas, Tião fora concebido em um momento em que o casamento de seus pais não ia muito bem, o que pode ter gerado tal desconfiança. Com isso, sofrera rejeição durante toda a infância sem compreender direito sua causa. Quando tinha dezessete anos, houve uma noite em que seu pai chegou embriagado e, como em outras ocasiões, disposto a bater nele. Mas, dessa vez, o desfecho foi diferente. Assim narra o ocorrido:

Era uma sexta de noite, e eu estava me arrumando para sair. Ouvi um barulho na porta: era o meu pai chegando em casa, bêbado, para variar. Eram quase sete horas e eu continuei me vestindo, porque o baile daquela noite começaria às oito. Ignorei a arruaça que começou a fazer na sala. Não queria me atrasar, nem ter problemas com ninguém.

Acontece que ele queria e, cavando como estava, uma hora ia encontrar. Senti um aperto no peito. Era o velho filme querendo se repetir.

Meu pai entrou no meu quarto batendo a porta e veio, do nada, na minha direção. “Dessa noite não passa”, pensei. Mal tive tempo de me virar, ele já estava em cima de mim, seu braço pesado na altura do meu peito. Senti meu

pescoço arder, ele tinha me arranhado feio. Toquei a camisa e vi que estava rasgada perto da gola. E também um pouco suja de sangue.

De repente, vi passar um filme na minha cabeça, um emaranhado de lembranças: meu pai no cais do porto, o desemprego, a bebida, o Rogério cuidando de mim, as brigas com ele quando eu ainda era moleque, minha mãe chorando enquanto tentava me proteger, eu ansioso para ver o nome dele no meu registro de nascimento, que só foi aparecer anos depois.

Um pouco desorientado, comecei a juntar forças para encerrar de vez aquela história. Eu estava pronto para revidar – revidar a violência, revidar o ódio, a falta de explicação, ele tinha acabado mais uma vez com a minha noite, eu estava determinado a também acabar com a dele – quando, de um jeito estranho, sem motivo nenhum, o peito inflamado, a boca seca, senti uma coisa forte dentro de mim, que dizia para eu parar, para eu pensar, desistir da briga, desistir do ódio, da vingança, dos murros que vinha ensaiando, da certeza de que ele merecia sofrer. Por alguns instantes, que podem ter sido um minuto ou um segundo, não sei dizer, eu parei e vi nos olhos dele o reverso daquilo tudo. Lá no fim do túnel, eu enxerguei algo que se parecia, talvez, com um pedido. Um pedido de socorro. E no lugar da violência contida, brotaram umas palavras espremidas, sufocadas pela angústia, minha vontade maior que o mundo de ter um pai no lugar de um inimigo:

– Por que, pai? Por quê?

Estava engasgado, mas eu precisava colocar para fora, perguntar, gritar, saber:

– Me diz, por que tudo isso, pai? O que foi que eu te fiz pra merecer todo esse ódio? Diz!

E olhava fundo nos olhos dele. Ele imóvel, eu firme, segurando nas mãos o meu desespero, o soco que eu tinha engolido para dar lugar àquela última tentativa.

– Eu respeito tanto o senhor, amo tanto o senhor, e só recebo pancada... nem um abraço, nem um gesto de carinho. O senhor realmente acredita que eu não sou seu filho? Logo eu que, de todos, sou o mais parecido com o senhor!

Aquela altura, eu só queria que as coisas, se tivessem que explodir, explodissem de uma vez por todas. Tem horas que não dá mais pra aguentar guardar, aceitar, fingir que está tudo bem, virar uma página que sequer foi escrita.

Num minuto, pareceu que o álcool tinha secado de dentro do meu pai. Havia lucidez no seu olhar, havia sentimento, qualquer coisa parecida com afeto, talvez. Ele ficou me olhando, e uma lágrima tímida começou a descer. Meu pai – que agora parecia meu pai – chegou mais perto, pegou na minha mão e a segurou com carinho. Levou-a até perto do rosto e a beijou – era uma mania que ele tinha, de beijar a mão dos outros, das pessoas que ele gostava, e que nunca tinha feito comigo.

E a primeira lágrima, contida, deu lugar à segunda, e à terceira, e às outras que já não tinham mais tanta vergonha de cair e lavar toda a nossa dor para sempre.

Diante daquela cena, meu pai beijando a minha mão, chorando, confesso que fiquei meio sem ação. Ele parecia outra pessoa, tão diferente daquela que há pouco tempo eu queria ver longe de mim. Era um momento mágico. Eu tinha que reagir, falar alguma coisa, fazer alguma coisa.

Então me aproximei do rosto dele, senti seu cheiro. Em silêncio, porque as palavras já não faziam muito sentido, eu o abracei em um abraço apertado, como nunca tinha feito antes. Abracei, e abracei forte, porque li nos olhos dele que o remédio para aquela falta de amor era mais simples e óbvia do que eu jamais compreenderia se alguém dissesse. E comecei a chorar também.

Ele me abraçou de volta. Era como se fosse outro pai; eu, outro filho; e aquela, outra história, completamente diferente da que vivíamos cinco minutos antes. E daquele jeito mesmo, nós dois enlaçados, me pediu desculpas. Disse que tinha cometido erros, muitos. Prometeu que nunca mais levantaria a mão para mim de novo, e pediu que eu o perdoasse, que eu o entendesse.

Foi nesse mesmo dia, depois de anos de mistério, sofrimento e especulações, que finalmente conheci o resto, ou o início da história toda.

Nessa mesma noite, o pai de Tião lhe conta a história de sua infância, os casos de agressão que sofria do próprio pai, a falta de uma família que pudesse chamar de sua, o acolhimento que teve na família da esposa, a morte do sogro, o nascimento de Tião em um momento de muitas incertezas, a dúvida se sua mãe daria continuidade ou não à gravidez. Ao ouvir a história de seu pai, que lhe confessava segredos que jamais haviam sido ditos, ele passa a conhecer o que gerava tanto ódio e desprezo. O recalçado, que emergia na violência paterna, passa à esfera da compreensão de ambos e permite a reconciliação entre pai e filho. Nesse sentido, não foi apenas o gesto de Tião e o pedido de perdão do pai que possibilitou a reconciliação, mas colocar em palavras aquilo que era proibido, dizer o que não poderia ser dito, trazer à tona segredos de família que escondiam uma realidade de negação do sujeito, de invalidação social e de fragilidades existenciais.

E não podemos negar o peso do “social” nessa relação. Ele relata que, na maioria das vezes, seu pai lhe batia quando passava por problemas fora de casa, relacionados à perda do emprego no cais do porto, à invalidação social a que era submetido diariamente ao trabalhar no aterro, à perda dos vínculos com os boêmios da região central do Rio de Janeiro, sambistas, compositores e poetas. Todas essas mudanças ocorreram a partir da mobilidade social descendente de seu pai, que não aceitava o próprio fracasso e, por isso, descontava naquele que era mais parecido consigo, o filho concebido em um momento de crise conjugal, e que, por isso, era tanto objeto de desconfiança quanto de identificação. Quando olhava para Tião, seu pai via a si mesmo, e, na impossibilidade da autoaceitação, em virtude das próprias fragilidades, descontava seu sentimento de inferioridade, as humilhações que sofria, a vergonha de não ter um trabalho que considerasse digno, o peso de seu passado, em seu próprio filho. Ao castigar Tião, seu pai castigava a si mesmo.

A partir da reconciliação com o pai, Tião começa a diminuir sua ida aos bailes e distancia-se de seus amigos do tráfico. Poucos meses depois, completa 18 anos de idade e decide voltar a trabalhar com a catação. No entanto, ao invés de ir trabalhar na “rampa”, como a maioria dos catadores, resolve trabalhar no galpão de reciclagem da Coopergramacho, onde também trabalham sua mãe e suas irmãs. Nesse lugar, ele começa a fazer diversos cursos de capacitação na área de cooperativismo. Esses cursos permitem-lhe conhecer melhor os princípios e o funcionamento das cooperativas e associações. Com isso, começa a participar

ativamente das decisões da cooperativa e, em pouco tempo, é eleito para o conselho fiscal. Como conselheiro fiscal, Tião fiscaliza e orienta a diretoria da cooperativa, suas opiniões passam a ter maior peso junto aos seus colegas e acaba se envolvendo também na resolução de pequenos problemas diários da Coopergramacho.

Em 2001, depois de quatro anos no conselho fiscal, Tião é eleito vice-presidente da Coopergramacho. Na vice-presidência, atua mais na representação institucional, uma vez que o presidente tinha mais interesse nas atividades comerciais e de gestão interna. Ele, então, torna-se representante da cooperativa junto ao poder público e às entidades do terceiro setor, trabalhando fortemente na mobilização social dos catadores e na luta por melhores condições de trabalho.

A perspectiva de liderar os catadores em suas lutas encontra importante respaldo na trajetória familiar de seus antepassados, particularmente na trajetória de seu avô, de quem Tião reivindica-se herdeiro. Seu avô, reverenciado por seu pai, por sua mãe e por suas tias, torna-se a figura à qual ele busca identificar-se em prol de realizar seu ideal de ego sem, com isso, entrar em contradição com a dimensão restritiva do projeto parental, qual seja, a interdição da ascensão social decorrente do risco de desidentificação com os pais. A opção pelo engajamento militante junto aos catadores possibilita a Tião ressignificar e dar continuidade à trajetória de sua família, partindo do legado do seu avô e se apropriando da história construída por seus pais.

Em 2003, Tião participa do I Encontro Latino-Americano de Catadores, em Caxias do Sul, e do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e conhece pessoas envolvidas com os movimentos altermundialistas, militantes da economia solidária e catadores que vinham construindo o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, além de catadores militantes de outros países da América do Sul. A partir do contato com essas pessoas, Tião resolve entrar no MNCR e começa a participar de reuniões com os militantes do Movimento no estado do Rio de Janeiro e com dirigentes de outros lugares do Brasil.

A partir da entrada no Movimento, Tião intensificou as ações reivindicatórias no aterro, mobilizando, diversas vezes, os catadores para fecharem a entrada do lixão. Com isso, a resistência à sua atuação começou a aparecer entre aqueles que lucravam com a situação estabelecida no aterro: empresários da coleta e do tratamento do lixo, atravessadores e gestores públicos comprometidos com as empresas. A cada ação de mobilização, sucedia uma retaliação à cooperativa. A

partir daí, mesmo os catadores da cooperativa começaram a se contrapor às ações políticas de Tião. Começaram a acreditar que a cooperativa deveria atuar somente nas esferas comercial e produtiva e não na esfera política. Começa a sofrer, então, ameaças de morte, que quase são concretizadas em um episódio dentro da cooperativa. Com medo, foge de Jardim Gramacho por alguns dias e, quando retorna, resolve desligar-se da Coopergramacho.

Tião ficou sem trabalho, vivendo às custas da esposa, mas, alguns meses depois, em 2004, ela também ficou desempregada. Sem encontrar alternativa, resolveu voltar para o aterro, mas não o fez isoladamente. Reuniu familiares e um grupo de amigos e fundou uma associação de catadores, a Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho (ACAMJG), que atuaria não somente na coleta, separação e venda de materiais recicláveis, mas também na luta pelos direitos dos catadores que trabalhassem no galpão da cooperativa e no lixão.

Com a associação – cuja sede não estava localizada dentro do aterro, diferentemente da Coopergramacho –, Tião passa a ter maior liberdade para organizar as mobilizações entre os catadores, uma vez que as autoridades não poderiam fazer as mesmas retaliações que fizeram à cooperativa. Nesse mesmo momento, começa-se a discutir o encerramento das atividades do aterro de Jardim Gramacho – que se apresentava como enorme problema ambiental na cidade que receberia uma Copa do Mundo de futebol e os Jogos Olímpicos – e Tião torna-se o principal interlocutor entre os catadores e o governo estadual, responsável pela gestão do aterro. O lixão de Jardim Gramacho passa a ter a atenção da mídia, vira objeto de disputa política entre o governo do município de Duque de Caxias e o governo do estado do Rio de Janeiro. Ele aproveita-se dessa situação para denunciar a situação de trabalho dos catadores.

Em 2007, seu pai morre de tuberculose, o que lhe causa enorme sofrimento. Tião envolve-se ainda mais na militância. Descobre, nesse trabalho, um meio de superar – ou de afastar – a dor da perda do pai. Nesse mesmo ano, um artista brasileiro mundialmente conhecido, Vik Muniz³, interessa-se em fazer do lixão de Jardim Gramacho o cenário para sua arte. Para fazer as fotos, a equipe de Vik Muniz pede autorização para a Companhia Municipal de Limpeza Urbana

³ Vik Muniz é conhecido por fazer fotos utilizando objetos não convencionais para compor seus quadros, eventualmente simulando pinturas famosas. Além disso, Vik Muniz, também se preocupa em fazer trabalhos socialmente engajados e doa parte do dinheiro que ganha com a venda dos quadros àqueles que posaram para si.

(COMLURB), responsável pela gestão do aterro. Seu objetivo não é apenas realizar fotos no lixão, mas fazê-lo com os catadores. Com isso, um funcionário da COMLURB, que já o conhecia, liga e pede a ele que receba a equipe do artista no aterro. Como representante dos catadores em Jardim Gramacho, Tião conhece Vik Muniz, acompanha seu trabalho no aterro e posa para uma foto, simulando a obra “A morte de Marat” (1793), do artista francês Jacques-Louis David.

Em 2008, Tião é eleito membro da Comissão Nacional do MNCR, representando o estado do Rio de Janeiro. Sua luta pelos direitos dos catadores de Jardim Gramacho amplia-se e começa a viajar pelo Brasil representando o Movimento, responsabiliza-se por sua articulação no estado e consolida-se como liderança entre os catadores. Nesse mesmo ano, Tião conhece o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em evento anual realizado pelos catadores na sede da Coopamare, sob o viaduto da Baixada do Glicério, em São Paulo.

Ainda nesse ano, Vik Muniz, depois de alguns meses de trabalho, finaliza sua obra, causando grande impressão entre os catadores, que veem arte no trabalho com o lixo. O encontro com o artista representa uma grande mudança na vida de Tião. Sua desenvoltura e habilidades sociais e políticas impressionam a equipe de Vik Muniz e ele é convidado para viajar a Londres para o leilão dos quadros do artista e acompanhar a exposição “Retratos do lixo” em algumas cidades do mundo, inclusive no Rio de Janeiro.



Figura 1. A morte de Marat. Vik Muniz (2008).

Além disso, a passagem de Vik Muniz pelo aterro de Jardim Gramacho é filmada e vira um documentário, dirigido pela cineasta Lucy Walker. O documentário “Lixo Extraordinário” é exibido em salas comerciais e em festivais do mundo inteiro, e chega a concorrer à premiação do Oscar, na categoria de melhor documentário, no ano de 2011. Tião vai ao evento de premiação do Oscar, em Los Angeles, nos Estados Unidos, e participa de alguns eventos promocionais do filme. Torna-se, então, uma “celebridade”, frequenta espaços e eventos nunca imaginados, e assina um contrato com a Coca-Cola, para tornar-se “garoto-propaganda” da marca. Começa a usar roupas de grife, indumentária exigida em alguns desses eventos, e decide contratar duas agentes para orientá-lo nos desafios que esse novo mundo apresenta. No entanto, percebendo que vinha sendo ludibriado – e roubado – pelas agentes, rompe relação com elas.

Sua vida transforma-se bastante, ele passa a dar entrevistas em jornais, revistas e na televisão, e a dar palestras em diversos lugares, como universidades, empresas, encontros e congressos. Nesses eventos, Tião busca não apenas contar sua história de superação, mas divulgar a luta e a realidade enfrentada pelos catadores. Suas habilidades e desenvoltura nesses ambientes impressionam e causam certo “estranhamento” nas pessoas que possuem outra imagem dos “catadores”.

Em um evento realizado em uma faculdade, onde proferiu uma palestra a respeito de sustentabilidade e reciclagem, Tião relata que uma moça perguntou se ele era mesmo catador, pois não esperava que um catador usasse roupas de grife. Ele reage dizendo que havia esquecido o “kit de catador” em casa. Em outro momento, suas agentes – que ainda trabalhavam com ele – questionam se havia sido ele mesmo quem havia escrito o discurso que apresentaria em uma de suas conferências.

Tião busca se adaptar àquela nova realidade que se apresentava e, fazendo isso com relativo sucesso, gera desconfiança nas pessoas que pertencem às classes sociais superiores, que o lembram que ele “não pertence àquele mundo”. A distância social, de certo modo, mantém-se, mesmo que ele tenha adquirido prestígio e renda suficiente para participar dessa outra classe. O sucesso alcançado pela participação em um documentário visto mundialmente – e de ter concorrido ao Oscar – não é o suficiente para quebrar os preconceitos que enfrenta desde que sua mãe apareceu na TV, quando ficou conhecido como o “filho da

lixreira”. O preconceito sofrido poderia fazer com que ele desistisse, mas, pela experiência e pelo aprendizado adquirido ao longo dos últimos anos, Tião busca responder sempre à altura, desejoso de “mudar aquele pensamento, fazer os outros entenderem que estávamos além dos seus preconceitos, que éramos mais que a imagem distorcida que tinham de nós”.

Nesse mesmo período, torna-se um dos organizadores do “Limpa, Brasil”⁴ uma grande mobilização nacional – versão brasileira do *Let’s do it* – em prol da reciclagem e do descarte correto do lixo. Esse evento, que conta com empresas multinacionais como patrocinadoras, reuniu cerca de 180 mil voluntários e recolheu mais de 3 mil toneladas de materiais recicláveis em suas campanhas entre os anos de 2011 e de 2014.

Os diversos compromissos assumidos fazem com que Tião fique cada vez menos tempo em Jardim Gramacho e, assim, ele passa a sofrer também com a rejeição dos catadores, que já não o veem com tanta frequência. Em um dos eventos no aterro, Tião é vaiado, em outros momentos, é questionado sobre sua ausência e sobre seu suposto enriquecimento.

Agora eu era discriminado não mais – ou não só – por ser pobre. Mas também por estar deixando de ser. (...) De um lado, sonhos se realizando, do outro, a rejeição, a culpa, a tristeza, e tudo isso por estar exatamente onde estava – exatamente onde tinha lutado tantos anos para estar. Eu ganhava e perdia, na mesma luta. Vivia o auge da fama. Mas também o auge da inveja.

Após o contrato com a Coca-Cola, Tião também consegue contratos de consultoria na área de reciclagem, inclusão social e sustentabilidade ambiental, o que faz com que sua renda tenha um aumento significativo. Com esse dinheiro, compra um pequeno sítio e melhora a vida da família. A ascensão social tem um preço, talvez demasiadamente alto. Tudo o que havia aprendido nos cursos e nas experiências de militância lhe ensinava a lidar com o preconceito das pessoas das classes elevadas, mas não lhe mostrava como enfrentar a perda da legitimidade entre seus pares em virtude de seu sucesso. Eventualmente, Tião sofre com questionamentos e difamações vindas de outros catadores de Jardim Gramacho, o que lhe deixa com um sentimento de frustração.

Os conflitos em Jardim Gramacho aumentam com o encerramento das atividades do lixão, que se efetiva em junho de 2012. A mobilização capitaneada

⁴ O *Let’s do it* é um movimento mundial de atuação em prol do cuidado do meio ambiente e da cidadania, que possui como estratégia o uso dos meios de comunicação para a conscientização ambiental

por Tião garante aos catadores uma indenização de cerca de R\$ 14 mil para cada um que estivesse cadastrado como catador do aterro. A ACAMJG tem papel fundamental na organização do processo de indenização, pois atua no respaldo do cadastro dos catadores, o que gera muitos conflitos com pessoas que se dizem catadores, mas não são reconhecidas pela associação. O fechamento do lixão e as disputas decorrentes da organização da indenização contribuem ainda mais para o seu desgaste junto aos outros catadores.

Em 2013, devido aos diversos compromissos que possui e à perda de legitimidade junto a parte dos catadores do aterro de Jardim Gramacho, Tião deixa a coordenação do MNCR do estado do Rio de Janeiro. Apesar disso, continua na presidência da ACAMJG, da qual participam pessoas mais próximas e para a qual sua presença na diretoria é importante para o estabelecimento de parcerias. Mesmo assim, sua presença na associação diminui, na medida em que aumentam os compromissos em outros lugares do Brasil e do Mundo. Tião atualmente é consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) no Projeto de Erradicação dos Lixões no Brasil e na América Latina, assessorando governos de outros países latino-americanos na organização de métodos de inclusão de catadores no processo de encerramento dos lixões.

Ele encontra nesses espaços, agora trabalhando como consultor, uma maneira de dar continuidade ao seu trabalho, à luta de seu avô, de seu pai e de sua mãe. Utiliza sua experiência e habilidades adquiridas ao longo de sua vida como ferramentas de trabalho em sua nova carreira de consultor e palestrante. Conseguiu, graças à projeção adquirida com o documentário “Lixo Extraordinário”, firmar-se em sua carreira e obter ganhos econômicos e simbólicos que dificilmente teria de outro modo. Avalia, no entanto, que sua ascensão social não o torna pertencente à classe média – apesar da renda auferida – e tampouco o mantém na mesma posição de outrora. Tião sofre com o preconceito por causa de sua origem social, por ser negro, por ser catador e também, aos olhos de alguns catadores, por deixar de sê-lo. A militância, agora exercida em outros espaços que não o MNCR, ainda é a maneira de conciliar o desejo de reconhecimento e de ascensão social com a necessidade de ser fiel às suas origens e à herança familiar.

4. Conclusão

Vista a partir de uma perspectiva que leve em consideração a historicidade do sujeito, a vida de Tião nos mostra que se encontram presentes tanto mecanismos de reprodução social, que lhe coagem à adaptação àquela realidade, quanto de mecanismos de mudança, que lhe induzem à mobilidade e à transformação social. Ele era filho de catadores e desde os oito anos de idade frequentava o lixão, mas sua mãe era filha de um trabalhador sindicalizado, um dirigente sindical. A posição de prestígio ocupada por seu avô e a reverência que todos na família tinham por ele influenciaram as escolhas que levaram Tião à militância. Se sua família inteira trabalhava no aterro, o que era sinal do estigma que o afastava da escola, ela também era herdeira de um passado prestigioso, que lhe possibilitava meios de distinção. É na herança reivindicada por Tião que se encontra o impulso que o leva a buscar modelos mais elevados para si.

Na vida de Tião, o encontro com Vik Muniz, o filme “Lixo Extraordinário” e a notoriedade alcançada possuem vários significados que se mostram paradoxais em sua estruturação subjetiva. Se, por um lado, esse acontecimento lhe possibilita forte ascensão social, que dificilmente ocorreria pelas vias tradicionais do Movimento, por outro, ele faz com que Tião se depare com o ganho e a perda de capital simbólico. Ao mesmo tempo em que ganha prestígio junto à mídia e diversos atores da sociedade, ele começa a perdê-lo com os catadores do aterro e, portanto, do Movimento. A perda de legitimidade junto aos catadores é fonte de sofrimento e soma-se à desconfiança e ao preconceito que as pessoas de outras classes sociais têm com ele. Tião sofre dos dois lados, em sua classe de origem e em sua classe de chegada.

Tião vivencia, em sua ascensão social, a *neurose de classe*. E, em nosso entendimento, faz sentido pensar esses conflitos psicossociais enfrentados por Tião em seu processo de ascensão social a partir desse conceito. Ele é cobrado por ter traído sua classe e suas origens, pois não vive mais entre os catadores e passou a usar roupas de grife. Sua nova maneira de agir, por meio da incorporação de um novo *habitus*, gera resistência não apenas junto aos outros catadores, o que ocasiona certa perda de capital simbólico, mas também em seu próprio ser. É o superego que age em seu inconsciente, que o incita à obediência, à reprodução e que gera o sentimento de culpa. Tião busca superar essa tensão entre o ideal de ego – que vai levá-lo à ascensão social – e o superego – que exige fidelidade às

suas raízes – reafirmando sua atuação como militante, mesmo em atividades que *stricto sensu* sejam de outra ordem, como consultorias e organização de eventos.

Apesar de essa questão estar mais presente na narrativa de Tião, não nos parece equivocado supor que, em certa medida, o engajamento no movimento de catadores pode acarretar uma dinâmica parecida. Uma vez que a militância pode ser um caminho descensão social – por meio da aquisição de capital econômico, social e cultural – e que esta ascensão não é necessariamente acompanhada pelos demais catadores, a perda de legitimidade é sempre um risco para o militante. Afinal, os catadores esperam que seus representantes tragam para eles os mesmos benefícios que conseguem para si, ou seja, eles também querem ascender socialmente.

Podemos inferir, a partir daí, que a neurose de classe pode ter seus efeitos diminuídos para o militante se o processo de ascensão social individual for acompanhado por uma ascensão social coletiva, o que implicaria, nos termos das teorias de estratificação social, uma mudança estrutural da situação de classe de um grupo ou de uma categoria profissional, como os catadores. Como essa ainda não é a realidade entre os catadores, percebemos que, apesar de todo aparato reflexivo e discursivo, a neurose de classe ainda se manifesta de modo a causar sofrimento em Tião.

Bibliografia

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

DUBET, François. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Inst. Piaget, 1997.

GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe: Trajectoire sociale et conflits d'identité*. Paris: Hommes et Groupes, 1987.

GAULEJAC, Vincent de. *As origens da vergonha*. São Paulo: Via Lettera, 2006.

GAULEJAC, Vincent de. *Qui est je? Sociologie clinique du sujet*. Paris: Seuil, 2009.

GAULEJAC, Vincent de; ROY, Shirley. (orgs.) *Sociologies cliniques*. Paris: Desclée de Brouwer, 1993.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. *Caderno CRH*, Salvador, Set./Dez. 2008. v. 21, n. 54, p. 439-455.

LAHIRE, Bernard. *L'homme pluriel : Les ressorts de l'action*. Paris : Fayard, 2011.

LEGRAND, Michel. *L'approche biographique*. Paris: Desclée de Brouwer; Marseille: Hommes et perspectives, 1993.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 98, 2007, p. 23-46.

SANTOS, Sebastião Carlos dos. *Tião: Do lixão ao Oscar*. São Paulo: Leya, 2014.